

## RESENHA

**ECO, Umberto & CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro, Record, 2010.**

**ECO, Umberto. *A Memória Vegetal e Outros Escritos sobre Bibliofilia*. Rio de Janeiro, Record, 2010.**

Maurício Silva<sup>1</sup>

Atualmente, com o advento das novas mídias eletrônicas, discute-se exaustivamente o futuro que estaria destinado ao livro, objeto que – na história das civilizações – teria provocado, sem dúvida, uma das mais intensas revoluções culturais. Há tanto os que, entusiastas dos avanços tecnológicos, vêem os suportes eletrônicos da escrita como uma evolução natural e necessária do mundo contemporâneo quanto aqueles que, mais refratários às novidades da tecnologia, consideram o livro algo insubstituível e perene.

Com a autoridade de quem se destacou como um dos mais importantes semioticistas da atualidade e, além disso, um dos grandes bibliófilos contemporâneos, Umberto Eco discute estas e outras questões em duas de suas mais recentes obras traduzidas para o português: trata-se de *Não contem com o fim do livro* (Rio de Janeiro, Record, 2010) e *A Memória Vegetal e Outros Escritos sobre Bibliofilia* (Rio de Janeiro, Record, 2010).

Colocando-se ao lado daqueles que vêem no livro um objeto avesso aos avanços tecnológicos – ao menos aos avanços que prognosticam o desaparecimento do livro –, Umberto Eco trata, em sua primeira obra (*Não contem com o fim do livro*), como aliás o próprio título já sugere, das relações entre o livro e os novos suportes eletrônicos da escrita. Produzido no formato de uma longa conversa com o cineasta e bibliófilo francês Jean-Claude Carrière, trata-se de um texto em que ambos os autores começam defendendo a ideia de que, ao contrário do que se pensa, com o computador retornamos à era alfabética (em oposição a uma suposta era das imagens), fazendo com que todos retomem a *leitura*. Contudo, completam os autores, a questão que se

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas; Professor da Universidade Nove de Julho. E-mail: maurisil@gmail.com.

coloca é a do suporte da leitura: para eles, o computador traz algumas desvantagens em relação ao livro (por exemplo, depende da eletricidade), o qual deverá, assim, permanecer ainda como suporte principal da leitura. Além disso, dizem os autores, os suportes eletrônicos, feitos para durar eternamente, têm-se mostrado impressionantemente efêmeros: enquanto um livro de quinhentos anos ainda pode ser lido sem problemas, não se pode mais ler – a não ser que se tenha um aparelho especial – um texto em cassete eletrônico ou CD-ROM. Assim, para eles, “o século XX é o primeiro século a deixar imagens em movimento de si mesmo, de sua própria história, e sons gravados – mas em suportes ainda mal consolidados” (p. 30).

Outra questão que se discute, acerca desse assunto, é a questão da memória. Se por um lado as novas tecnologias aumentaram nossa capacidade de armazenar dados – sobretudo em espaços menores, como em um *pendrive* –, por outro lado elas nos inundam de dados inúteis, como comprova o exemplo da *internet*. Os autores lembram, contudo, que o papel da cultura não é apenas preservar a memória, mas também selecioná-la, descartando o que for excessivo (“a cultura é um cemitério de livros e outros objetos desaparecidos para sempre”, p. 59). E completam: “o que a Internet nos fornece é na realidade uma informação bruta, sem nenhum discernimento, ou quase isso, sem controle das fontes nem hierarquização” (p. 71).

Os autores destacam finalmente, numa abordagem particularmente pessoal do assunto, outros aspectos presentes no livro e que, com os suportes eletrônicos, acabam se perdendo, como os rascunhos, as correções, a marginália etc. E como seu livro não trata apenas das relações entre os livros e as mídias eletrônicas, falam ainda das bibliotecas, dos manuscritos, da crítica, dos colecionadores, enfim de um amplo universo relacionado ao livro, seja como objeto, seja como fenômeno cultural, dando a ele, *last but not least*, uma indefectível aura mística: “o livro, por ser um livro, contém uma verdade que escapa aos homens” (p. 236).

Lembrando que, com a invenção da escrita, passamos da situação de uma *memória orgânica* (de natureza oral, passada de geração para geração) para uma *memória mineral* (ou seja, escrita e grafada em pedras) e, posteriormente, para uma *memória vegetal* (grafada em papiros e papéis), Umberto Eco, em *A Memória Vegetal e Outros Escritos sobre Bibliofilia* afirma, no mesmo sentido que seu livro anterior, que, com o advento do livro, passamos a ter outra relação com a escrita e com a leitura e, por extensão, com o mundo à nossa volta. Nesse sentido, o autor

faz uma série de reflexões acerca do livro, tratando tanto de seus amigos e inimigos e do hábito do colecionismo quanto de sua relação com as novas tecnologias e da bibliofilia.

E, num tom entre peremptório e exortativo: “como é belo um livro, que foi pensado para ser tomado nas mãos, até na cama, até num barco, até onde não existem tomadas elétricas, até onde e quando qualquer bateria se descarregou, e suporta marcadores e cantos dobrados, e pode ser derrubado no chão ou abandonado sobre o peito ou sobre os joelhos quando a gente cai no sono, e fica no bolso, e se consome, registra a intensidade, a assiduidade ou a regularidade das nossas leituras e nos recorda (se parecer muito fresco ou intenso) que ainda não o lemos” (p. 54).

Para aqueles que se interessam pelas sempre polêmicas questões acerca da sobrevivência ou não do livro como suporte de leitura nos limites da modernidade tardia, os dois textos citados podem ser um bom começo de discussão.

Resenha recebida em maio de 2012.

Resenha aceita em junho de 2012.